

## **PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E PERMANÊNCIA NO CAMPO: o egresso da Casa Familiar Rural Três Vendas/RS**

Angelita Zimmermann<sup>1</sup>  
Anna Christine Ferreira Kist<sup>2</sup>  
Ana Margarida Piani Ferreira<sup>3</sup>

### **Resumo**

As Casas Familiares Rurais surgiram na França, em 1935, e se espalharam pelo mundo. Fundamentadas na Pedagogia da Alternância, comungam uma formação que articula educação e trabalho. O propósito do texto será analisar o egresso, ainda que preliminarmente, compreendendo as transformações percebidas na produção da vida dos alternantes da Escola de Ensino Médio Casa Familiar Rural Três Vendas - CFRTV - Catuípe, bem como as peculiaridades e os desafios do território da Pedagogia da Alternância, no noroeste do Rio Grande do Sul. Este artigo é fruto da pesquisa de doutorado em Geografia, em andamento desde 2016, a qual, numa abordagem qualitativa, terá aporte teórico e documental, entrevistas, vivências e observações. A partir da compreensão das contradições da questão agrária brasileira e do processo formativo CFRTV poderemos ampliar conhecimentos sobre a complexa relação formação e permanência do jovem no campo, inserida na luta de classes e no “mundo do trabalho” desse período histórico, em decorrência do agronegócio.

**Palavras-chave:** Pedagogia da Alternância, Egresso CFRTV, Educação do Campo

### **Introdução**

Nos últimos 15 anos, deixaram de existir mais de 37 mil escolas no meio rural brasileiro. Para Erivan Hilário (MST), esta situação acontece “porque o agronegócio pensa num campo sem gente, sem cultura e, portanto, um campo sem educação e sem escola”, ressalta que a maioria das escolas no campo continua sem infraestrutura e material didático adequado, além da adoção de conteúdos, práticas e atividades distantes do universo “cotidiano e simbólico dos alunos” (CARTA MAIOR, 2015). O problema é um país sem projeto de educação ou o modelo de desenvolvimento do agronegócio?

Em detrimento desse modelo de agricultura, agroexportador e extrativista, determinado pelas grandes transnacionais, a terra, um bem universal, perde sua função social e passa a ser aniquilada, perdendo aos poucos, toda a sua biodiversidade natural à hegemonia do capital. Dentre os principais conflitos territoriais brasileiros, estão os modos de produção (agricultura capitalista versus agricultura camponesa); projetos de educação

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria – UFSM; angelitazd@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Maria – UFSM; afkist@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Escola Estadual de Ensino Fundamental Laerte; margaridapiani@yahoo.com.br

(educação rural versus educação do campo); classes sociais (precarização do trabalho e desemprego versus trabalho como princípio educativo); questão agrária (expropriação dos camponeses e pobreza versus terra como matriz formadora), entre outras. Kautsky (1986), em sua tese, já delineava as consequências diretas dos desequilíbrios da produção capitalista e da superioridade da grande propriedade, bem como as dificuldades a serem enfrentadas pelos camponeses inseridos no modelo agrícola do sistema capitalista.

Neste contexto, ressalta-se a urgência de efetivas transformações, engendradas por movimentos sociais e políticas públicas que valorizem o modo de vida dos camponeses e das comunidades locais, a implementação de uma educação do campo permeada pela pedagogia da Agroecologia e cuidados com os bens da natureza, comuns a toda a humanidade, pela concepção de policultivos, trabalho coletivo e bons alimentos para todos.

A Educação do Campo<sup>4</sup> vem se materializando em diversas instâncias da sociedade, fruto do protagonismo de movimentos sociais e sindicais do campo. O acirramento das contradições e a luta de classes, intensificados pela acumulação do capital em decorrência da consolidação do agronegócio, tem balisado ações no sentido da produção da vida da classe trabalhadora do campo.

As Casas Familiares Rurais têm se proposto a uma formação com a intencionalidade de promover um vínculo efetivo entre trabalho e educação, em Tempo Escola (TE) e as demandas em Tempo Comunidade (TC), a partir da concepção do trabalho como a produção da própria vida, com vistas à valorização da história, da cultura, dos saberes e a emancipação dos jovens e das famílias que vivem no campo. Fundamentadas na Pedagogia da Alternância, articulam tempos e espaços em que os alternantes complementam aprendizagens, conciliando a formação prática com a formação teórico-científica, em prol de uma vida social associativa e comunitária.

Nos países de origem da Pedagogia da Alternância, França e depois Itália, os cursos dos Centros Familiares de Formação por Alternância - CEFFAS são diversos, atendendo áreas distintas. No Brasil, diante às contradições e limites enfrentados historicamente, tem implementado uma pedagogia adaptada à formação dos jovens que vivem e trabalham no campo, potencializando uma formação profissional e integral.

---

<sup>4</sup> O conceito de Educação do Campo foi se estruturando nos últimos vinte anos, pela ação dos movimentos sociais, em especial o MST, tomando uma posição contra a lógica econômica que expropria as famílias de suas terras (Caldart, 2002) e de diversas instituições brasileiras que se mobilizaram e organizaram o advento “Por uma Educação do Campo”, em Goiás, em 1998, e que deu início à construção e materialização de políticas públicas voltadas aos camponeses. A coleção “Por uma Educação do Campo” é referenciada por militantes e intelectuais orgânicos da causa.

Este artigo tem como objetivo uma análise da relação entre a formação Casa Familiar Rural Três Vendas e a permanência do jovem no campo. O foco da pesquisa de doutorado, em andamento desde 2016, será analisar as transformações sociais promovidas pela Pedagogia da Alternância, considerando o egresso da Escola de Ensino Médio Casa Familiar Rural – Catuípe - CFRTV: A formação proposta pelas casas familiares rurais contribuem para a permanência do jovem no campo? O egresso da Pedagogia da Alternância tem uma vida social mais associativa e comunitária, não se limitando ao empreendedorismo agrícola, incentivado pela maioria dos cursos em ciências agrárias?

Mais especificamente, será analisar a atuação/contribuição social do egresso compreendendo as transformações individuais e coletivas percebidas na produção da vida dos alternantes, bem como as peculiaridades e os desafios do território da Pedagogia da Alternância no Rio Grande do Sul. De acordo com Molina, a prática formativa que busca a emancipação, considera que “as relações de produção, as questões políticas, os elementos socioculturais existentes num determinado contexto histórico são fundamentais para a constituição de uma formação social” (MOLINA, 2014, p. 277). Assim, é por meio do embate, da luta de classes, que o homem consegue mudanças significativas em sua omnilateralidade.

Neste artigo, trazemos breve contextualização do processo histórico-social da CFRTV, na perspectiva de ações formativas contra-hegemônicas, observadas na concepção de alternância, assim como as contradições existentes no movimento da produção da vida dos seus egressos.

Considera-se a emancipação político-social e histórico-cultural dos alternantes e famílias do contexto, como parte da história de construção da educação do campo, sobretudo, a história da construção do direito à educação do povo brasileiro que vive e trabalha no campo, na qual a educação reproduz a estrutura dinâmica e o movimento dialético do processo histórico de produção do ser humano.

### **Contextualização e historicidade da Casa Familiar Rural Três Vendas - Catuípe**

Espera-se da escola a socialização e apreensão dos conhecimentos historicamente acumulados e, muito além, que ela seja uma aliada dos camponeses que lutam para permanecer em seu território, formando sujeitos capazes de se indagarem sobre as contradições que envolvem a produção da vida material no campo (CALDART, 2002). Por esta perspectiva trazemos a relação formação Casa Familiar Rural Três Vendas, de

Catuípe, e a permanência do jovem no campo, da Região Noroeste do Rio Grande do Sul.

Esta região é essencialmente agrícola, representando 58% do movimento econômico regional, sendo que, em sua maioria, os estabelecimentos rurais são administrados pelos próprios agricultores. Atualmente, a região está situada num território que possui 22,45% da população residente no meio rural e destes, a mão-de-obra de 90% não é remunerada, caracterizando-se como agricultura familiar, com área média de 20 hectares (IBGE, 2010).

A matriz produtiva, no conjunto da região, possui como principais atividades: trigo e soja, milho, feijão, avicultura, suinocultura e bovino de leite, com um significativo avanço das atividades de agroindustrialização, as quais exigem conhecimento dos processos da cadeia produtiva que envolve o agronegócio, ou seja, sobre as implicações da aliança entre grandes proprietários de terra, o capital estrangeiro e o capital financeiro.

Acerca da educação profissional, difundem-se dois pólos de pensamentos. De um lado, como um mecanismo que atenda e dinamize as necessidades do mercado, cabendo à escola reproduzir e dar conta de tais demandas em formação técnica de trabalhadores. Essa concepção identifica a educação como responsável pelo fator de produtividade e desenvolvimento econômico. Defensor da idéia, estudos do economista Schultz (1967) atribuíram ao capital físico, ressaltado nas teorias do crescimento econômico, outra variável: o investimento em capital humano. Por outro, defende-se que a educação profissional deva atender à formação integral do trabalhador, articulando os conhecimentos básicos aos fundamentos científicos e sociais do trabalho.

Nesta perspectiva, busca-se a omnilateralidade, conforme defende Frigotto (2012, p. 265), “omnilateral é um termo que vem do latim e cuja tradução literal significa ‘todos os lados ou dimensões’”. Significa a concepção de educação que considera todas as dimensões que constituem o ser humano, as condições objetivas e subjetivas, reais para o seu pleno desenvolvimento. Uma educação que abrange o intelecto, a cultura, o psicossocial, o afetivo, o lúdico, o político, o econômico, transformando e emancipando o ser humano em todos os sentidos. Para o autor, a essência humana é um processo no qual o ser se constitui socialmente, por meio do trabalho e, portanto, dentro de determinadas condições histórico-sociais (FRIGOTTO, 2012).

Nesse sentido, o Projeto Pedagógico da Escola de Ensino Médio Casa Familiar Rural Três Vendas - CFRTV preocupa-se e integra uma proposta educacional que visa à profissionalização dos jovens agricultores. Embora a referida Casa funcione desde 2005, a

concepção que emite certificação, em Ensino Médio em Agricultura, foi reconhecida pelo Conselho Estadual de Educação, em 2013, e teve o apoio e a participação da Associação das Famílias dos jovens. Fundamentada na Pedagogia da Alternância, tem o objetivo de “promover a formação integral do jovem educando oriundo do meio rural.” (PPP, 2013, p. 4), mais especificamente, se propõe a “promover o desenvolvimento tecnológico, econômico, sociocultural, ambiental e político da família do jovem e, conseqüentemente, da comunidade, propiciando-lhe competências e habilidades para desenvolver as atividades rurais.” Como as demais, a CFRTV surgiu no vazio deixado pelo sistema formal de educação perante as famílias da região, a qual pretende “uma educação personalizada e integral, a partir da sua realidade, considerando o progressivo empobrecimento das famílias que vivem no campo” (IDEM), agravado por uma formação urbanizada e o conseqüente distanciamento entre educação e realidade concreta de vida de seus educandos.

A partir de um trabalho de levantamento das necessidades do meio, o Projeto Político Pedagógico da CFRTV, elaborado sob a perspectiva das dimensões social, pedagógica, econômica e, histórica, ressalta que a educação profissional “constitui-se em uma interface para a construção de um projeto de desenvolvimento econômico e social equilibrado e sustentável” (PPP, 2013, p. 6), e, portanto, deve integrar o conjunto de ações que visam o desenvolvimento sustentável para a melhoria da qualidade de vida no meio rural. Sob os preceitos do “ver, julgar e agir”, assim como, da pedagogia de Paulo Freire, dos temas geradores, os alternantes são orientados e acompanhados pela equipe de educadores e monitores, através de instrumentos pedagógicos que articulam a participação da família e a convivência com o conhecimento já elaborado cientificamente. Dentre os instrumentos<sup>5</sup>, o Plano de Estudos é integrado em uma matriz curricular que considera os componentes curriculares nas áreas do conhecimento: linguagens, ciências da natureza e da matemática, ciências humanas e sociais e ciências agrárias, de forma interdisciplinar.

Para tanto, as alternâncias anuais são orientadas pelo calendário agrícola, e têm possibilitado que os jovens experimentem, em sua propriedade/moradia, as teorias apreendidas de forma prática e concreta e organizem seus temas de estudo, caracterizando-se pelo trabalho escola, família e comunidade, como protagonistas do processo, a partir do

---

<sup>5</sup> A Pedagogia da alternância se utiliza de instrumentos para a operacionalização de seus princípios educativos. Um estudo detalhado pode ser visto em Zonta (2014), no qual a autora reflete uma experiência em educação como “possibilidade de emancipação para jovens agricultores familiares”.

desenvolvimento de um Projeto Profissional de Vida<sup>6</sup>. Essa organização busca superar a fragmentação que historicamente dá centralidade à forma disciplinar, objetivando uma mudança no modo de produção do conhecimento que visa à compreensão da totalidade e da complexidade dos processos da realidade concreta. Além disso, a relação tão próxima, trabalho e estudo em casa, rompe a dicotomia do estudar para, no futuro, “aplicar”.

No Rio Grande do Sul, o Ensino Médio apresenta índices preocupantes, ao considerar que a escolaridade (15-17 anos) é de apenas 53,1%. A defasagem idade-série no Ensino Médio é de 30,5% (INEP/MEC, 2010). Concomitantemente, constata-se altos índices de abandono, 13% especialmente no primeiro ano, e de reprovação (21,7%) no decorrer do curso, o que reforça a necessidade de priorizar o trabalho pedagógico no Ensino Médio.

Com o objetivo de promover a permanência do jovem no campo, conforme o PPP da CFRTV, a discussão para a formação de uma Casa Familiar na região noroeste do RS, começou com um grupo de lideranças que foi denominado Comitê Gestor, composto por diversas instituições: Sindicato dos Trabalhadores Rurais da Região Noroeste Colonial, UNIJUI, COTRIJUÍ, CERILUZ, SICREDI, 36ª CRE, Representante das Prefeituras e Câmara de Vereadores, em Ijuí/RS. Deste comitê surgiram os parceiros e a formação da Associação local juntamente com as famílias da primeira turma. As atividades letivas iniciaram no dia 18 de julho de 2005, no Irder (Instituto Regional de Desenvolvimento Rural), Boca da Picada, em Augusto Pestana e contavam com 24 jovens. A CFR permaneceu nesta localidade até o ano de 2007.

No mesmo ano, surgiu a idéia de se fazer uma reunião juntamente com a comunidade de Três Vendas, em Catuípe, para que a CFR utilizasse as instalações da Escola Estadual Valentim Domingos Sfalcin, que havia cessado suas atividades. Desde então, a CFRTV mudou-se para as dependências dessa escola, tendo assim sua sede própria. De seu início, em 2005, até 2013, atuava no sentido de “qualificar o agricultor” e, nesse período, estudavam aqueles que não tinham a preocupação com a certificação, pois, o objetivo principal era a profissionalização, no sentido de apreender novas técnicas, fazer cursos e adquirir aprendizados para melhorar as condições da propriedade/moradia. A

---

<sup>6</sup> A estrutura teórico-metodológica da Pedagogia da Alternância inclui a organização e efetivação de um projeto a ser desenvolvido no espaço da produção da vida de cada alternante. Isso requer um amplo conhecimento da moradia/propriedade de modo a implementar uma alternativa que gere ou amplie as condições de vida. A concepção, gestão e ação junto à família são partes do todo formativo da Casa Familiar Rural.

partir de 2013, a associação sentiu a necessidade de certificação em ensino médio e passou a organizar-se para a submissão do projeto ao Ministério da Educação, concretizando-se desde então.

Atualmente a Casa Familiar Rural de Catuípe tem a abrangência de 17 municípios da região Noroeste, Augusto Pestana, Ajuricaba, Boa Vista do Cadeado, Dr. Bozano, Catuípe, Chiapetta, Condor, Coronel Barros, Cruz Alta, Ijuí, Inhacorá, Jóia, Nova Ramada, Panambi, Pejuçara, Santo Augusto, São Valério do Sul, dos quais 12 municípios possuem jovens na CFR Três Vendas. Hoje conta com 53 jovens distribuídas em três turmas (1º, 2º, 3º ano), sendo 10 meninas e 43 meninos, de diferentes idades. A primeira turma formou-se no final de 2008, em “Qualificação em Agricultura”, um total de 12 jovens, em 2010, a 2ª turma com 12 jovens, em 2012 a 3ª turma com 12 jovens, e 2016, foram 24 alunos formando em “Ensino Médio e Qualificação em Agricultura”, num total geral de sessenta (60) egressos. É gerida por uma Associação, composta de pais, jovens e parceiros<sup>7</sup>, com a incumbência de organizar pedagógica e administrativamente, além de buscar a manutenção, através de diferentes colaboradores e mantenedores, e mais recentemente, conta com os fundos do Ministério da Educação destinados ao ensino médio.

A formação dos jovens agricultores é realizada ao longo de três anos em momentos que alternam tempo, espaço e saberes. A articulação, entre o Tempo Escola (TE) e Tempo Comunidade (TC), orienta-se pela necessária interdependência entre teoria e prática, saber e vivência, conhecimento e experiência, e da troca concomitante entre gerações. O fluxo contínuo, entre casa familiar rural e famílias, é constituído por uma semana inteira em regime de internato na CFRTV e por duas semanas no território familiar. Tem-se, com isso, um ano escolar formado por 14 semanas completas de formação em TE e 28 semanas de formação no meio sócio-profissional, em TC, mesclando educação e trabalho com a mediação e acompanhamento de familiares, técnicos e educadores.

Percebe-se imprescindível a construção de políticas de valorização da educação, do trabalho e da vida camponesa. Ficar ou sair do campo precisa ser uma escolha consciente, que implique ter acesso à totalidade da vida concreta, diferente da perspectiva individualista de inserção no mercado. Portanto,

as demandas sociais do conjunto da classe trabalhadora do campo exige cada vez mais fundamentos teórico-epistemológicos que

<sup>7</sup> Estas parcerias são financeiras, técnicas e pedagógicas.

contribuam para superar o modelo econômico que toma a formação a partir de um dispositivo utilitarista e pragmático, tendo o mercado como mediador do sucesso de sua formação (JESUS; LACKS; ARAÚJO, 2014, p. 293).

Do mesmo modo, há que se galgar ainda uma educação que seja produtora de conhecimentos que apontem para a possibilidade da criação de processos de transformação da realidade. Essa é também a intencionalidade da CFRTV, de Catuípe.

### **Trabalho e educação: pedagogia da alternância e permanência do jovem no campo**

A categoria central da organização social capitalista moderna é o trabalho. Entre os proprietários dos meios de produção e os proprietários da força de trabalho, instituiu-se a propriedade privada, responsável pela separação daquele que produz e a mercadoria por ele produzida, ou seja, a dissociação dos modos de produção daqueles produtores da vida material social. Desse modo, a exploração da classe trabalhadora é o que dá sustentação ao modo de produção e ao sistema capitalista, porém, é necessário compreender, conforme Hungaro (2014, p. 75), que “a vida social é mais ampla que o modo pelo qual os homens produzem sua existência social”. Por outro lado, para Marx, o trabalho é a essência do homem, é a própria constituição do ser social. Para ele, os homens, ao produzirem sua existência, planejam, constroem sistemas ideais, compreensíveis a partir da relação entre forças produtivas e relações de produção.

Mas, se a economia política percebeu que a essência da propriedade privada é também o trabalho, e, portanto, impede o enriquecimento humano, se apropriando da riqueza das objetivações humanas, tornando-nos seres alienados e unilaterais, de que maneira a educação, por meio da escola, poderia ser uma possibilidade de encontro com o ser ontológico?

A estruturação da sociedade civil em torno da propriedade privada tornou a atividade humana produtiva consciente – o trabalho – um meio de sobrevivência e, assim, “o trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produzir, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadoria cria” (MARX, 2004, p. 80).

Em decorrência, a hegemonia da produção capitalista, transformou as condições e as formas de trabalho modernas, sobretudo, as novas relações de educação, adaptadas às demandas da industrialização. Nessas condições, a educação tem como característica



fundamental a exaltação do homem abstrato, o trabalho alienante e a ocultação da luta de classes. Assim, no mundo contemporâneo, o trabalho é a própria negação da essência, ou seja, a unilateralidade em oposição à omnilateralidade humana. Nesse sentido, na sociedade civil-burguesa, o trabalhador vive em oposição dialética a sua própria essência: sua atividade não representa sua realização; sua própria vida é dicotômica, de tal modo que em âmbitos distintos, sua singularidade é distinta (“um” em casa, “outro” no trabalho) e; em relação aos outros, ele trabalha com muitos outros, mas não se reconhece como seus iguais (a não-pertença a uma classe). Por outro lado, Marx atribui ao atendimento das necessidades humanas, as forças produtivas físicas e intelectuais, que ao longo da história, sempre se apresentam em desenvolvimento, mais complexas, mais transformadoras (MARX, 2004). Ou seja, no movimento contraditório e dialético do capitalismo, na medida em que o trabalhador produz sua própria alienação, no trabalho, ele também se produz, pensando e sendo, se desenvolve como homem histórico.

No movimento histórico, da materialidade da produção e reprodução da vida, surgiu a Pedagogia da Alternância, que se originou na França, em 1935, depois na Itália, se espalhou e se fortaleceu por todo o mundo, especialmente em CEFFAs - Centros Familiares de Formação por Alternância. Esses ambientes articulam educação e trabalho e postulam uma formação integral, onde os alternantes complementam tempos e espaços de aprendizagem, conciliando a experiência e formação prática com a formação teórico-científica sistematizada, em prol de uma convivência mais associativa e comunitária. Gimonet (2007, p. 28) a discute como “de um lado, a formação integral da pessoa, a educação e, de maneira concomitante, a orientação e a inserção socioprofissional; de outro, a contribuição ao desenvolvimento do território onde está sendo implantado o CEFFA”.

No Brasil, as primeiras experiências de formação por alternância foram criadas no final dos anos 1960, no estado do Espírito Santo com a denominação Escolas Família Agrícola (EFAs). Posteriormente, nos anos 1980, em Alagoas, foram criadas as Casas Familiares Rurais (CFRs), sem vinculação com o movimento das EFAs. Atualmente existe, em nossa sociedade, oito diferentes Centros de Formação por Alternância. Os mais antigos foram as EFAs e as CFRs, os quais influenciaram a formação dos demais seis CEFFAs. As Escolas Comunitárias Rurais e as Escolas de Assentamento, no Espírito Santo, bem como as três Escolas Técnicas Estaduais, de São Paulo, foram influenciadas e assumiram características das EFAs, enquanto o Programa Nacional de Inclusão de Jovens - PROJOVEM, em São Paulo, as Casas das Famílias Rurais, na Bahia e Pernambuco, e o

Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural - CEDEJOR, no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, se espelharam nas Casas Familiares Rurais (SILVA, 2000).

Dados do Censo Brasileiro (2010) indicam que a população brasileira, com um total de 190,7 milhões de pessoas no período, concentrava nas cidades 84,36% deste total, o que comprova a crescente tendência do jovem rural a deixar o campo, migrando para uma cidade próxima, geralmente, em busca de trabalho e renda, fato que vem se intensificando desde os anos 1950 e gerando vários problemas sociais decorrentes dessa ocupação desordenada (IBGE, 2010). Dentre os desafios que envolvem a discussão em torno do trabalho e da educação, bem como dos “mundos do trabalho” (HOBSBAWM, 1987) estão as mudanças na organização do trabalho e suas demandas à formação dos/as trabalhadores/as durante o capitalismo do século XX e, ainda, se “a educação ainda pode oferecer algum papel de relevo na emancipação da humanidade?” (ANTUNES, 2017).

Conforme mencionado, a pesquisa de doutorado em percurso, com vistas à compreensão das relações entre educação e trabalho, no processo formativo da pedagogia da alternância, da CFRTV, teve um primeiro período de vivência, durante quinze dias, no mês de julho recente. Participamos de um “Seminário de Formação das CFRs”, promovido pela Associação Regional da Casas Familiares Rurais/RS – ARCAFAR/RS, envolvendo cinco, das sete CFRs do Rio Grande do Sul, assim como, de atividades e do cotidiano da CFRTV em TE e, também, visitamos vinte (20) egressos em suas moradias, percorrendo alguns dos municípios de sua abrangência. As visitas e entrevistas foram gravadas e acompanhadas por um ou dois professores da Casa.

Em vista de que, na materialidade da vida está o trabalho do sujeito, como os egressos da CFRTV tem produzido a vida e se produzido, considerando as relações sociais fundadas na divisão social do trabalho e na destinação a uma determinada atividade por força exterior a ele?

Dentre os resultados evidenciados pela pesquisa até o momento, o principal foi a predominância de jovens que vivem e trabalham na própria moradia rural. Dos vinte egressos, apenas três, foram para cidades, o que nos leva a investigar mais profundamente a relação trabalho e educação e a própria Pedagogia da Alternância como potencializadora dessa permanência. Ainda que seja uma análise inicial, de acordo com as observações feitas na pesquisa até o momento, podemos ressaltar as seguintes questões acerca do egresso em estudo, as quais serão aprofundadas, para além deste artigo:

- a) A escolha consciente de ficar e produzir as condições materiais de vida no campo, concebendo o trabalho como percurso ontológico da própria vida. Todos os que optaram por ficar, afirmam o gosto pelo fazer e viver nas lidas cotidianas, no espaço e tempo dos acontecimentos, nas relações afetivas, apesar de todas as dificuldades enfrentadas;
- b) A importância da formação CFRTV na gestão e no desenvolvimento do Projeto Profissional de Vida, que, para a maioria entrevistada, segue sendo a principal atividade na moradia, assim como, nas diversas escolhas imediatas e planejamentos futuros;
- c) A CFRTV proporcionou, conhecimentos, aprendizados, amizades, planejamento, gestão, valores familiares, “futuro”, organização, trabalho.
- d) A compreensão da necessidade de diversificação na produção. Dos entrevistados, apenas 5% mantém o plantio da soja como uma “segurança” na renda familiar, por vontade dos pais;
- e) A maioria, em torno de 90% dos egressos entrevistados, se envolve em atividades comunitárias, seja na organização de eventos religiosos, campanhas beneficentes, associações, cooperativas, e alguns, como membros de direção ou lideranças;
- f) A capacidade de reflexão sobre as questões políticas, econômicas e sociais que impossibilitam ou dificultam a vida no campo, trazendo como principais: as disparidades entre o valor pago ao produtor e a venda dos produtos no mercado; os problemas climáticos, o conflito de gerações quanto algumas implementações técnicas na moradia, a intensificação de pacotes bancários que causam endividamento, o problema das sementes modificadas integradas aos insumos e venenos associados, entre outros;
- g) A falta de pessoas no campo, referindo-se à dificuldade de manter um grupo para jogar futebol ou vôlei, por exemplo;
- h) A forma de organização do trabalho na moradia, o trabalho cooperado, as atividades são planejadas e definidas de acordo com o tempo, com as capacidades físicas e gostos de cada membro familiar, onde um ajuda o outro;
- i) Além disso, a maioria não faz uso de mão-de-obra externa, optando pela “troca de serviços” entre vizinhos, quando necessário;

- j) Foram apresentadas, pelo menos, três associações de agricultores com uso compartilhado de maquinários e instrumentos para a produção, as quais são alternativas que operacionalizam a possibilidade de diminuir gastos e endividamento dos agricultores;
- k) A maioria aponta a falta de acesso à políticas públicas para pequenos agricultores, ressaltando que esse acesso é facilitado quando se trata do plantio de soja, trigo ou demais produtos associados às prioridades do agronegócio;
- l) O trabalho contínuo e ininterrupto, especialmente aquelas e aqueles que atuam com agroindústrias (uma padaria, criação de codornas ou galinha e venda de ovos) e com produção e entrega de produtos vinculados ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA);
- m) A consciência da importância e a produção de alimentos “limpos” (livres de agrotóxico). Ainda que a maioria faça uso de algum insumo na produção, muitos procuram manter o equilíbrio ecológico com recursos naturais e agroecológicos.
- n) Dos 17 que vivem e permanecem no campo, todos produzem alimentos para a reprodução da vida, auto-consumo, citando poucos a serem comprados ou buscados fora da moradia.
- o) A consciência de que as condições precárias de infra-estrutura em estradas, acesso à serviços de internet, telefonia, saúde, lazer, educação, são agravantes para o abandono do campo.

Percebemos que a possibilidade de emancipação dos sujeitos em sociedade está intimamente relacionada a uma educação que seja omnilateral, aquela que se preocupa e envolve a complexidade histórico-social das dimensões da vida, do ser em detrimento do ter e da realidade em constante movimento. Para o diretor da CFRTV - que tem se empenhado desde 2008 em desenvolver uma formação diferenciada aos jovens junto à associação, no sentido de que eles consigam, junto aos seus familiares, desenvolver um Projeto Profissional de Vida - esse instrumento, aliado à perspectiva e a visão de mundo do grupo que trabalha na CFR, tem possibilitado a ampliação e melhora das condições de trabalho, produzindo renda, qualidade de vida e emancipação, na realidade de cada um de seus alternantes.

Ainda que tenhamos um número significativo de escolas formais no espaço rural brasileiro, estudos revelam que seus egressos acabam migrando para as cidades em busca

de empregabilidade, o que tem aumentado ainda mais os índices de pobreza. Essa situação se produz e se reproduz pelo antagonismo de classes em permanente conflito em que o Estado brasileiro coloca-se como o poder acima e distante da sociedade. Por conseguinte, o espaço de vida dos jovens e do próprio campo vem sendo historicamente modificado pela necessidade de especialização do processo produtivo, e da integração crescente da agricultura vinculada ao agronegócio como um sistema espacializado e territorializado mundialmente, fomentado e mantido por esse mesmo Estado.

Por outro lado, pesquisas como a de Monteiro (2017), Lourenzi (2015), Zonta (2014), Zimmermann (2014), que se propuseram a compreender os processos de formação e a interação dos egressos de Casas Familiares Rurais, trazem nestas propostas, uma atuação diferenciada, de um possível protagonismo do jovem e das famílias envolvidas, no mundo do trabalho, na produção e reprodução da vida no campo.

Conforme Zimmermann e Meurer (2016) a alternância coloca em relação, diferentes agentes sociais com identidades, preocupações e percepções também diferentes. A inclusão efetiva de todos os envolvidos no processo e na gestão das CFRs, enquanto associação possibilita a construção de relações entre a escola e a família, uma interlocução de partilha do poder da formação e complementaridade das diferenças, em que cada sujeito, monitor, professor, estudante, família, entidade, tem o seu lugar, funções e poder que lhes são próprios, mas também, inseridos num sistema educacional que reproduz a estrutura dinâmica e o movimento dialético do processo histórico de produção da materialidade social, assim, a articulação entre escola, família e contexto sociopolítico são, ao nosso ver, o principal diferencial dos processos educativos empreendidos pelas casas familiares rurais.

É sabido também que a realidade formativa brasileira, tanto nos níveis da educação básica quanto superior, passou, a partir do início dos anos 1990, a projetar um olhar especial à Pedagogia da Alternância estruturando projetos pedagógicos fundamentados nesta composição, especialmente nos cursos de formação de professores (PRONERA, ITERRA), embasadas nos pressupostos marxistas, socialistas, da omnilateralidade. À preocupação das gerações precedentes com a sucessão e continuidade pelas gerações que seguem se junta a necessidade de uma educação que possa disputar com os projetos políticos norteados pelo agronegócio. Assim, esses sujeitos mostram-se e exigem seus direitos: “Onde e em que processos formadores constroem seus saberes e conhecimentos,

seus valores, cultura e identidade?” (ARROYO, CALDART e MOLINA, 2011, p. 7). E, por conseguinte, como podem concretizá-la em uma transformação da realidade vivida.

Roseli Caldart, ao retomar o compromisso da Educação do Campo com a *relação educação e trabalho, escola e produção*, reafirma o pilar fundamental do trabalho como princípio educativo, as matrizes pedagógicas que devem compor o ambiente educativo e um novo olhar à lógica da agricultura capitalista, ainda mais crítico e reflexivo. Segundo a autora, na atualidade, também se luta “por um novo modelo de agricultura, enfrentando uma força articulada entre grandes proprietários rurais, o capital financeiro e as empresas transnacionais que passaram a controlar os ‘negócios’ da agricultura” (CALDART, 2013, p. 01), apontados como principais problemas à sucessão e à permanência do jovem no campo.

Acerca da temática Juventude, Abramo (2007), Castro (2012), Arroyo, Caldart e Molina (2011) e Frigotto (2012) afirmam a urgência à reflexão, seja pela complexidade dos aspectos que envolvem o jovem do campo, como vivem, como elaboram suas experiências, como atuam e solucionam seus problemas, ou pelo combate ao êxodo rural e à exclusão social. As pressões e a atração pela cidade, o apelo ao consumo industrial imediatista, a escolarização desarticulada da vida dos homens e mulheres são enfrentamentos que requerem uma educação como prática social, uma educação omnilateral.

Percebemos que, num mundo globalizado, os modos de vida das novas gerações vão apresentando contornos aproximados em latitudes distantes. Porém, “apesar destes traços semelhantes que se apresentam como grandes tendências caracterizadoras da juventude “global” e dos modos de transição para a vida adulta, os contextos inerentes a cada sociedade interpõem-se na estruturação dos percursos juvenis e das suas perspectivas de vida, presente e futura” (GUERREIRO e ABRANTES, 2007, p. 05).

Por fim, pelos discursos dos egressos, compreendemos que em suas relações, enquanto os sujeitos se educam dialogicamente, formam uma identidade coletiva, se mobilizam e lutam, construindo-se um espaço social que congrega organização, capacidade para a tomada de decisões, prática das ações conjuntas e participativas, tidos como aspectos fundamentais da vida e, por consequência, enquanto produzem o território se produzem como pessoas (RAFFESTIN, 1993). “O campo é um lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar [...] O campo é espaço e território dos camponeses [...] é lugar de vida e sobretudo de educação (FERNADES, 2002, p. 92). Para o autor, nas conflitualidades que integram os sujeitos sociais do campo há que se considerar as forças

contraditórias e o respectivo desenvolvimento desencadeado tanto pelo capital quanto pelo campesinato. Além disso, historicamente, a organização dos sujeitos como principal dimensão da emancipação, demonstra que a luta pela terra e por direitos é inerente à sociedade do capital.

Compreender a estrutura de dominação e os conflitos territoriais que envolvem a trama da luta de classes requer sejam analisadas as contradições internas do mundo do trabalho, imbricados às grandes estruturas de produção à base do monocultivo e as situações de vida, de histórias, de modos de trabalho, que deixam de existir de uma hora para a outra, pela via do agronegócio, questões essenciais a serem retomadas pelas pesquisas na contemporaneidade (FERNANDES, 2004, 2014). Faz-se urgente, como possibilidade de emancipação, a fundamental e contestadora distribuição justa da terra e dos bens.

### **Percorso metodológico da pesquisa**

O processo de construção do conhecimento nesta pesquisa “vai do todo para as partes e depois das partes para o todo”, o que, conforme o método dialético, “proporciona o estabelecimento de uma relação que tem como referência a dinâmica entre o sujeito e o objeto, bem como o reconhecimento da luta dos contrários como fonte do conhecimento” (SOUSA, 2014, p. 02). Desse modo, se efetiva por meio da materialidade histórica da vida destes egressos em suas relações sociais. Quanto aos instrumentos, considerando a temática abordada e os objetivos desta pesquisa qualitativa, propõe-se um estudo bibliográfico e documental, fundamentado nas reflexões e discussões dos aportes teóricos da relação Educação e Trabalho, Pedagogia da Alternância e Educação do Campo, Juventude e Território, por meio da observação participante.

No estudo de caso em questão, além de conversas, entrevistas semi-estruturadas em visitas e encontros com egressos em suas moradias/comunidades, envolve vivência em Tempo Escola (TE) onde será observado o funcionamento teórico-metodológico, o funcionamento, os gestores, professores, monitores e demais integrantes do processo. Será entrevistado cada um dos jovens formados, 60 pessoas, com o objetivo de obter um retorno mais amplo e concreto da vida de seus egressos e da dialética formativa da CFRTV na comunidade. Concordamos com Sousa (2014, p. 02) ao afirmar que “pesquisar significa, assim, refletir acerca da realidade social tomando como referência o empírico, e por meio

de sucessivos movimentos de abstração (elaborações teóricas), chegar ao concreto”.

De acordo com a definição de Minayo et al. (2013, p. 70) “a observação participante é um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica”. Para a autora sua relevância está no fato da relação direta do pesquisador com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, isto é, participa da vida social, no cenário cultural dos sujeitos. Assim, enquanto coleta os dados e compreende o contexto, faz parte deste e, ao interferir nele é modificado pessoalmente.

A partir da revisão bibliográfica e documental acerca do Paradigma da Questão Agrária, Educação e Trabalho, Pedagogia da Alternância, Educação do Campo, Juventude Rural e Território, Projeto Político Pedagógico CFRTV, as entrevistas envolvem, além dos egressos, gestores e professores, em diálogos e observações que ocorrerão em três fases distintas, quais sejam, já ocorridas, em julho (2017), e ainda ocorrerão em fevereiro (2018) e em março (2019). A organização em três momentos decorre da caminhada e amadurecimento acadêmico intrínsecos à pesquisa, no movimento dialético do teórico-empírico, dos aprendizados que vão se fazendo ao longo do percurso da pesquisa, por isso, deixamos para 2019 a última fase das entrevistas de modo a responder questões advindas da análise da realidade estudada a interligar o individual, o particular e o geral, analisando o fenômeno em suas relações recíprocas com o ambiente onde está inserido, sobretudo no movimento próprio das realidades concretas e em suas transformações, tanto no ambiente escolar quanto domiciliar/comunitário.

Nesse sentido, a confluência de diversas áreas, como a sociologia, a economia, a geografia agrária, a história, a apreensão das relações entre educação e trabalho, as disputas paradigmáticas e políticas, entre o agronegócio e o campesinato, exige a integração de conhecimentos desenvolvidos na multidisciplinaridade, ou seja, nas formas possíveis de articulação ou afirmação dos contrários. Neste sentido, ressaltamos traços essenciais do método dialético, como afirma Lefebvre (2013, p. 22) “a retirada dos fatos e das idéias de seu aparente isolamento”, e ainda, a concepção de que *tudo se relaciona*, existe um *movimento conjunto* e a *resolução das contradições* a fim de atingir um pensamento ou uma realidade mais ampla, mais complexa, que elevem a compreensão do processo histórico de produção da vida dos egressos, em especial, o acesso dos trabalhadores do campo à educação e às políticas públicas do país; as exigências capitalistas de controle e esvaziamento estratégico do campo e dessa educação; a importância da relação escola-



trabalho; a subordinação da estrutura escolar, do processo pedagógico e da gestão à lógica da agricultura empresarial capitalista.

Nesse momento, a pesquisa está em estágio inicial, e, além do caminho teórico-metodológico, mostramos, neste artigo, dados preliminares, por isso exige análise aprofundada em sua continuidade.

### **Considerações finais**

A intenção de formar sujeitos capazes de compreender a totalidade dos processos sociais dos quais estão inseridos é premissa para as escolas que se propõe a uma formação omnilateral, por meio de um currículo que compreenda conteúdos da economia política, da história, da sociologia, da filosofia, entre todos os demais que articulam educação e trabalho. A partir da análise preliminar aqui apresentada, a Casa Familiar Rural Três Vendas de Catuípe - RS tem possibilitado que os jovens discutam a realidade com a família e com os profissionais e, a partir de suas reflexões, concebam novas formas de pensar e agir em seu espaço familiar e comunitário e, conseqüentemente, na materialização da vida, feito a escolha por viver e trabalhar no campo. Deste modo, nos permite atribuir à formação Casa Familiar Rural Três Vendas, de Catuípe, uma efetiva contribuição para a permanência do jovem no campo.

Conforme mencionado, a pesquisa continua, por isso, na reflexão que segue, vê-se necessário aprofundar: a crítica ao acesso limitado e regrado dos trabalhadores à educação; as exigências capitalistas de controle e esvaziamento estratégico do campo e dessa educação; a importância da relação da escola com o trabalho, considerando-a não com o trabalho que entorpece o homem e também não a uma questão puramente técnica; a subordinação da estrutura escolar, do processo pedagógico e da gestão à lógica da agricultura empresarial capitalista, entre outras (MACHADO, 2015).

### **Referências Bibliográficas**

ANTUNES, Ricardo; PINTO, Geraldo A. **A fábrica da Educação: da especialização taylorista à flexibilização toyotista**. São Paulo: Cortez, 2017.

ABRAMO, Helena. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: FÁVERO, O.; SPÓSITO, M. P.; CARRANO, P.; NOVAES, R. R. (org.) **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: Unesco/Mec/Anped, 2007. P. 73-90. Disponível em: [HTTP://unes-doc.unesco.org/images/0015/001545/154569por.pdf](http://unes-doc.unesco.org/images/0015/001545/154569por.pdf). Acesso em: 06/02/2017.

ARROYO, Miguel. G; CALDART, R. S; MOLINA, M. C. (organizadores). **Por uma Educação do Campo**. 5. Ed. RJ: Vozes, 2011.

CALDART, Roseli. S. Por uma Educação do Campo: Traços de uma identidade em construção. In. KOLING, E. J., CERIOLI, P., CALDART, R. S. **Educação do Campo: identidade e políticas públicas**. Brasília-DF, 2002. Disponível em: <[http://search.babylon.com/?q=educa%C3%A7%C3%A3o+do+campo%2C+caldart&s=web&as=0&babsrc=HP\\_ss](http://search.babylon.com/?q=educa%C3%A7%C3%A3o+do+campo%2C+caldart&s=web&as=0&babsrc=HP_ss)> Acesso em: 22/07/2017.

\_\_\_\_\_. **Desafios do vínculo entre trabalho e educação na luta e construção da Reforma Agrária Popular**. Texto apresentado como *trabalho encomendado* na 36ª Reunião Anual da Anped, GT Trabalho e Educação. Goiânia, 30 de setembro 2013.

CASTRO, Elisa G. de. Juventude do Campo. In: CALDART, R. S; PEREIRA, I. B. ALENTEJANO, P. FRIGOTTO, G. (organizadores). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FERNANDES, Bernardo M.; WELCH, Clifford A.; GONÇALVES, Elienai C. **Os usos da terra no Brasil: debates sobre políticas fundiárias**. 1ª edição. São paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

FERNANDES, Bernardo M. Território Camponês. In: CALDART, R. S; PEREIRA, I. B. ALENTEJANO, P. FRIGOTTO, G. (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FERNANDES, Bernardo M. Diretrizes de uma caminhada. In: KOLLING, E. J.; CERIOLI, P. R.; CALDART, R. S. (Org). **Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas**. Brasília: [s.n.], 2002. (Coleção Por uma Educação Básica do campo, nº 4). p. 89-101.

FERNANDES, Bernardo M. **Questão Agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial**. 2004. Disponível em: [http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio\\_Valeria/Pdf/Bernardo\\_QA.pdf](http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Valeria/Pdf/Bernardo_QA.pdf). Acesso em: 13/10/2017.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação Omnilateral. In: CALDART, R. S; PEREIRA, I. B. ALENTEJANO, P. FRIGOTTO, G. (organizadores). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAs**. Trad: Thierryde Burghgrave. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 168p.

GUERREIRO, Maria das Dores; ABRANTES, Pedro. **Transições Incertas. Os jovens perante o trabalho e a família**. 2.ª edição, Lisboa: Editorial do Ministério da Educação, 2007.

HOBSBAWM, Eric J. **Mundos do Trabalho** novos estudos sobre história operária. Eric J. Hobsbawm. Tradução: Waldea Barcelos e Sandra Bedran. Rio de Janeiro: Paz e Terra, (1917) 1987.

HUNGARO, Edson M. A questão do método na constituição da teoria social de Marx. In:

CUNHA, C.; SOUSA, J. V de; SILVA, M. A. da (Org). **O método dialético na pesquisa em educação**. Campinas: Autores Associados, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010**. Brasil.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA E PESQUISA EDUCACIONAL ANÍSIO TEIXEIRA (INEP) **Educacenso 2010**.

JESUS, Sonia M. S. A. de; LACKS, Solange; ARAÚJO, Maria G. B. Problemas de pesquisa na pós-graduação em educação. In: CUNHA, C.; SOUSA, J. V de; SILVA, M. A. da (Org). **O método dialético na pesquisa em educação**. Campinas: Autores Associados, 2014.

KAUTSKY, Karl. **A questão agrária**. São Paulo: Nova Cultural, (1899) 1986.

LEFEBVRE, Henri. **Marxismo**. Tradução de William Lagos. Porto Alegre: L&PM, 2013.

LOURENZI, Lucineia. **A Escola de Ensino Médio Casa Familiar Rural de Frederico Westphalen-Rs e a Produção e Reprodução Local e Regional a partir dos seus Egressos: um Estudo de Caso**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2015.

MACHADO, L. R. S. **Politecnia, escola unitária e trabalho: lições do passado e do presente**. Trabalho Necessário – [www.uff.br/trabalhonecessario](http://www.uff.br/trabalhonecessario); Ano 13, Nº 20/2015.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo, Boitempo, 2004.

MINAYO, M. C. de S. (org.) ET al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MOLINA, Mônica C. Análises de práticas contra-hegemônicas na formação de educadores. In: CUNHA, C.; SOUSA, J. V de; SILVA, M. A. da (Org). **O método dialético na pesquisa em educação**. Campinas: Autores Associados, 2014.

MONTEIRO, Luiz Paulo. **O viver e o produzir a partir da formação além da técnica: o caso dos egressos da Casa Familiar Rural Santo Agostinho/Quilombo, SC, no período de 1990 a 1997**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Francisco Beltrão, 2017.

PPP - Projeto Político Pedagógico. **Escola de Ensino Médio Casa Familiar Rural Três Vendas**. Catuípe: 2013.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REVISTA CARTA MAIOR. **Movimentos Sociais**. Disponível: <http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Movimentos-Sociais/Mais-de-4-mil-escolas-do-campo-fecham-suas-portas-em-2014/2/33829>. Acesso: 02/05/17.

SCHULTZ, Theodore. W. **O valor econômico da educação**. Trad. de P. S. Werneck. Rev. Técnica de C. A. Pajuaba. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

SILVA, Lourdes H. A Relação Escola-Família no Universo das Experiências Brasileiras de Formação em Alternância. Tese de Doutorado, São Paulo/SP: PUC, 2000. In: Espaço do

Produtor. **Os Centros Familiares de Formação por Alternância.** Disponível em: <https://www2.cead.ufv.br/espacoProdutor/scripts/verArtigo.php?codigo=4&acao=exibir>. Acesso em 13/05/17.

SOUSA, José V. de. Método materialista histórico-dialético e pesquisa em políticas educacionais. In: CUNHA, C.; SOUSA, J. V de; SILVA, M. A. da (Org). **O método dialético na pesquisa em educação.** Campinas: Autores Associados, 2014.

ZIMMERMANN, Angelita; MEURER, Ane Carine. **Casa Familiar Rural e Pedagogia da Alternância território de formação do agricultor.** Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2016.

ZIMMERMANN, Angelita. **Casa Familiar Rural do Vale do Jaguari: elementos formativos do território.** Dissertação de Mestrado, Curso do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Universidade Federal de Santa Maria, 2014. Disponível em: [http://w3.ufsm.br/ppggeo/images/dissertacoes/dissertacoes\\_2014/dissertacao\\_angelita.pdf](http://w3.ufsm.br/ppggeo/images/dissertacoes/dissertacoes_2014/dissertacao_angelita.pdf)

ZONTA, Elisandra Manfio. **A Influência da Pedagogia da Alternância no Processo Emancipatório dos Jovens Agricultores Familiares.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Frederico Westphalen/RS, 2014.